



Reforma sem a Carta

Vai se consolidando no Congresso a ideia de que 2011 seria o ano adequado para a convocação de uma Constituinte, com o objetivo de implantar a reforma política, que esse mesmo Congresso promete e não cumpre há mais de 20 anos. Mas não é bom confiar na sinceridade dos que apreçoam essa via. Desconfia-se, por duas razões. A primeira é que parece não haver instrumentos suficientes para uma Constituinte exclusiva, isto é, formada por pessoas (qual seria o critério de sua eleição?) que em seis ou sete meses votariam a reforma, e depois voltariam para casa. Outra dúvida é se essa grande assembleia reformista fosse constituída dos próprios parlamentares que se elegerão em 2010. Vai aí mais um grande temor, porque se a reforma necessariamente haverá de contrariar interesses, como esperar que seja aceita e defendida pelos que serão contrariados? Suspeita-se, portanto, dessa tendência.

Outra questão é que, no entendimento de alguns especialistas, não é necessário tocar na Carta de 88 para se implantar uma nova ordem político-eleitoral, como também admitia o presidente da última Constituinte, Ulysses Guimarães. A reforma comporta detalhes e regulamentações que se resolvem pela via da legislação ordinária.

Pandemia que nos ameaça

As autoridades sanitárias têm revelado interesse em dar combate à gripe suína, o que é confirmado com algumas medidas estratégicas, como a quarentena dos casos suspeitos e o desestímulo a viagens aos locais onde a infecção se tornou mais fácil. Não se questiona esse interesse, a não ser pelo fato de se limitar a escalões inferiores da administração. Presidente e governadores deviam estar pessoalmente empenhados no combate a um mal que vem se alastrando pelo mundo, e pode acabar levando a uma tragédia de grandes dimensões.

Deviam conferir à gripe o mesmo interesse que dão à sucessão, sabendo que a gripe pode assumir proporções e força suficientes para acabar com as eleições.



Quando as autoridades maiores manifestam interesse, a população tende a levar o problema mais a sério, o que também é muito importante.

Se estamos sob real ameaça de pandemia, é preciso percorrer a História para se ver que ela começa exatamente como o vírus H1N1, nosso contemporâneo: os sintomas são semelhantes, surge primeiro em pontos isolados, depois vai prosperando silenciosa e ininterruptamente. Foi assim na Peste Negra da Idade Média, foi assim na Espanhola de 1918, como tem sido em todos os tempos.

Ideal é que a gripe suína não seja tratada apenas como problema de saúde, mas também problema político.

Sobre o 13º

O 13º salário dos trabalhadores, criado com a forma de abono de Natal, faz 47 anos neste domingo. Rumo ao meio século, ele já pode ser considerado o tripé das conquistas trabalhistas, ao lado do salário mínimo e o direito a férias anuais. E teve como alteração única a liberalidade do pagamento em duas parcelas, o que de algum modo comprometeu seu espírito natalino.

Esse benefício originou-se de projeto do senador Aarão Steinbruch, e teve em Juiz de Fora uma de suas maiores resistências, só quebrada pela ação de pequeno grupo de radialistas. A classe patronal negava o 13º, alegando que o ano só tinha 12 meses...

Os bandidos agradecem

Nessa profusão de crimes que políticos cometem contra o País e com a institucionalização da corrupção nos três poderes, a reação raivosa de muitos cidadãos é o desencanto no seu mais alto nível. E, sonhando com o dia em que virá o voto facultativo, prometem desde já não votar mais. A explicação é fulminante: são todos da mesma quadrilha.

Muitos dos que apreçoam essa descrença são os mesmos descuidados que vão

às urnas com os votos carregados de simpatias pessoais ou ódios coletivos. São sentimentos certos para dar moldura aos maus vereadores, senadores e deputados. Nenhum deles chega onde está se não pelo voto dos que o amam ou o odeiam.

Então, visto que esses eleitores decepcionados incorrem no grave pecado da generalização (para eles ninguém presta, não apenas aqueles em quem votaram) chega-se a uma constatação

civicamente devastadora: os que prometem se ausentar, e com essa decepção revelam-se eleitores mais conscientes e informados, vão prestar um grande benefício aos maus políticos. Os eleitores dos maus, que se colocam a serviço de interesses, esses não deixam de votar. Portanto, ausentes os bons, os bandidos agradecem.

Aos que não querem mais votar, a imorredoura gratidão dessa gente que continuará desqualificando a política brasileira.

Triste fim

Para quem tem meio século de grande influência na política, como o senador José Sarney, chegar ao último capítulo da vida execrado, com a opinião pública querendo expulsá-lo do País, é um castigo só merecido por quem tanto bem podia fazer e tanto mal acabou fazendo. Diante do seu envolvimento na desmoralização do Senado, o que se deu por ação ou omissão, o que resta ao veterano chefe do Maranhão nesse epílogo era a renúncia, gesto nobre que ele reluta em adotar, principalmente depois que recebeu as poderosas bênçãos do companheiro Lula.

EXPEDIENTE

Organização Panorama de Comunicação - OP.Com

Wilson Cid
Diretor geral

JF HOJE

Wilson Cid - Diretor de Jornalismo
Sílvia Carvalho - Editora
Beatriz Inhudes e Geraldo Muanis - Subeditores
Eduardo Antunes - Projeto Gráfico

Redação: Rua Ewbanck da Câmara, 46, Mariano Procópio - CEP 36035-070
Fone: (32)3690-8941 Fax: (32)3690-8912 e-mail: cidade@jfhoje.com.br

Comercial

Gerente
Simone Tavares

Fones: (32) 3690-8937 / 3690-8940
comercial@jfhoje.com.br

Representantes

Belo Horizonte - MG - Local Comunicação
R. Taquari, 1001 - Vila Canadá - CEP 31130-370 - Fone: (31) 3425-3911
PubliSC Comunicação
Rua Bento de Andrade, 677 - J. Paulista - São Paulo-SP - CEP 04503-011
Fone/Fax: 11 2609 4221 - Cel: 11 8192 7659